



isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO XVIII • Nº 42 • 2016



Caso especial de paisagem cultural

páginas 4 e 5

Capa:
Foto Dimas Guedes

O Museu da Inconfidência atravessa, hoje, período de indiscutível popularidade. A confirmação disso está no crescimento do seu índice de visitação. No ano passado, foi registrado o recorde de 191.615 pessoas que o procuraram. Na verdade, tudo nele parece contribuir para sua condição de atrativo de repercussão nacional e internacional.

Identificado com Ouro Preto, tornou-se destino obrigatório na cidade. Praticamente a porta de entrada. Plan-tado com sua monumentalidade espalhando a fachada para bloquear o quarteirão inteiro da Praça Tiradentes – o centro urbano de maior movimentação –, ele goza de completa visibilidade. É atração destacada aos olhos de quem chega pela Rua Padre Rolim, vindo da capital do Estado.

O visitante que passa pelo portal da instituição continuará se surpreendendo ao deparar com a exuberância do projeto museográfico de autoria de Pierre Catel, especialista francês dos mais notáveis. Ele deixou aqui sua marca inconfundível. Três foram as linhas em que se desdobrou sua contribuição. Desenhou todo o material de suporte expositivo, com destaque para as vitrinas perfeitamente adaptadas à monumentalidade do prédio. Dispôs espacialmente cada peça, procurando valorizá-las ao máximo por meio de combinações expressivas ou proposital isolamento. Cuidou com extrema sensibilidade do problema da iluminação, intensificando por meio de 1152 leds a visibilidade do acervo e neutralizando o excesso da luz ambiente por meio de dimerização, além de bloquear com anteparos fixos a claridade do dia que entra pelas janelas.

De resto, temos que acrescentar, outra justificativa para o incremento da movimentação de pessoas o dia inteiro subindo as escadarias do Inconfidência está no seu novo projeto museológico. Foi inaugurada, em 2006, uma autêntica exposição sobre o movimento político de Vila Rica, ao ser reformulada a anterior, que durante tanto tempo se apresentou com uma concepção sem dúvida equivocada.

isto é inconfidência

ANO XVIII • Nº 42 • 2016

ISSN 2177-0212

Presidente da República interino

Michel Temer

Ministro da Cultura

Marcelo Calero

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

Carlos Roberto Brandão

Diretor do Museu da Inconfidência

Rui Mourão

Publicação do

IBRAM - MinC - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000

Ouro Preto • Minas Gerais • Brasil

Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233

inconfidencia@veloxmail.com.br

Tiragem:
1500 exemplares

Periodicidade:
trimestral

Projeto Gráfico:
Laís Freire dos Reis

Editor:
Rui Mourão



Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha Tiradentes, figura na história brasileira como o grande mártir da nação. Participante do movimento da Inconfidência Mineira, Tiradentes se firmou no conhecimento popular como o líder e o mais pobre dos inconfidentes, motivo pelo qual teria recaído sobre ele a dura pena do enforcamento público e esquartejamento, enquanto aos demais envolvidos foi aplicada a pena mais branda e menos cruel, o degredo para a África. Esta versão acabou consagrada no senso comum e ainda hoje perdura no ensino escolar e nos discursos mais tradicionais sobre o tema.

No entanto, muitos historiadores contemporâneos têm questionado esta versão oficializada, que se refere a Tiradentes como o líder e o mais pobre dos envolvidos na trama, lançando novas interpretações a partir de análises documentais e questionando a verdadeira participação, a moral, a realidade econômica e os objetivos do mártir e dos demais conspiradores da Inconfidência Mineira.

Para os diversos intelectuais que atualmente analisam o movimento está bastante claro que ocorreu uma construção proposital da imagem de Tiradentes como herói nacional. Isso teria ocorrido a partir dos ideais que levaram o Brasil a proclamar-se como República em 1889. Naquele momento e nos anos posteriores, os republicanos pretendiam romper com as imagens positivas sobre o período imperial brasileiro.

No contexto de sua constituição, a República precisava de heróis que representassem os ideais da nação que surgia e simultaneamente se voltasse contra o período antecedente, marcado pelo Império de Dom Pedro I e Dom Pedro II. É frequente que, em momentos de crise, o debate político se volte ao mito, sendo eficaz recorrer ao passado para a legitimação de determinado discurso. O mito torna-se importante na criação de novos regimes. Nesta perspectiva a Inconfidência Mineira foi percebida pelos republicanos como ideal para seus propósitos. Foi quando um trabalho intelectual construiria a imagem que se popularizou – os

O mito Tiradentes: a construção de um “herói”

inconfidentes como detentores de iluminado sentimento nacionalista –, e sua heroização passou a ser pretendida por aqueles que estabeleciam os caminhos da nova República. Construía-se mitos nacionais e “lugares de memória”, como explicita Pierre Nora. Interpretações exaltando a imagem, o caráter e a personalidade dos inconfidentes passaram a compor as narrativas históricas sobre a Inconfidência Mineira, que se enraizaram de forma bastante intensa no imaginário social. Como exemplo, temos a obra de Augusto de Lima Júnior, intitulada *História da Inconfidência de Minas Gerais*, que exalta Tiradentes como detentor de grande valor moral e patriotismo.

Contradizendo essa versão, José Murilo de Carvalho, autor da obra *A formação das almas*, demonstra como os republicanos literalmente escolheram a Inconfidência Mineira e o alferes Silva Xavier para serem consagrados. De acordo com o autor, a República precisava de um herói (ou heróis) com uma imagem que pudesse constituir a inspiração, um comportamento digno de ser seguido pelo espírito coletivo. Todo regime precisa de heróis, seja ele republicano ou imperial, democrático ou absolutista. O panteão cívico, que no Museu da Inconfidência materializa nas lápides com os restos mortais, é promovido pelos governos vigentes nas diversas temporalidades. E quando os heróis não surgem de forma espontânea, fazendo nascer novos momentos na história, os mesmos precisam ser forjados. Logo, criar heróis requer fazer escolhas, selecionar e descartar aqueles que, em determinada conjuntura histórica, não são apropriados para assumir tal responsabilidade. Foi exatamente isso que ocorreu com a Conjuração Mineira, uma vez que o ensino de História, desde a segunda metade do século XIX, apresenta o século XVIII mineiro como o alvorecer da riqueza material e intelectual de um povo que fez surgir os heróis nacionais. A Proclamação da República favoreceu a projeção do movimento mineiro e a transformação da figura de Silva Xavier em mártir nacional.

Tiradentes acabou configurando-se como ideal para a difusão do herói idealizado pelos republicanos, símbolo da unidade – expressão do sofrimento e do ódio nacional contra a exploração opressora portuguesa

–, que encaminharia, mais tarde, para a Independência, em 1822. Desde a segunda metade do século XIX, ele já vinha recebendo importantes homenagens pelos seus feitos, como a ereção em Ouro Preto da Coluna Saldanha Marinho, em 1866, e a celebração do 21 de Abril como feriado nacional em 1890. Soma-se a isso o fato de a República ter sido proclamada pelos Militares, condição também do Alferes Tiradentes, no século XVIII. O mito Tiradentes passou a ser construído e, apesar de recentemente a historiografia estar revendo sua participação e objetivos dentro do movimento, sua situação social e seus ideais, a manipulação e popularização do herói que se fez com tanta eficácia que até hoje ele se sustenta no ensino escolar.

Autores como João Pinto Furtado e André Figueiredo afirmam que Tiradentes não possuía posição de todo desprezível na sociedade e seus bens o aproximavam de pessoas da elite, inclusive possuindo escravos e o sítio da Rocinha Negra. O imaginário popular em muito diverge da historiografia contemporânea sobre este importante protagonista de nossa história, que foi Silva Xavier. Kenneth Maxwell, autor de *A devassa da Devassa*, acredita que o papel de Tiradentes, na trama, seria de divulgador do movimento no interior, responsabilidade facilitada pelo seu ofício secundário de dentista, que lhe rendeu o apelido e o levava ao interior das residências de pessoas das camadas sociais mais diversas. Ou seja, ele não era propriamente líder do movimento e nem o mais pobre. O fato de ter sido o único condenado à morte pela Rainha de Portugal resultou do fato de ter assumido a responsabilidade pela trama em seus depoimentos judiciais, procurando com isso poupar a vida dos companheiros presos.

Caracterizado nos depoimentos dos colegas como fanático, Tiradentes acabou revestido de um simbolismo religioso que lhe deu a configuração de um mito Crístico nacional, tanto pela literatura quanto

por outras artes. As alusões que aproximavam Silva Xavier a Jesus Cristo se tornaram cada vez mais evidentes, como por exemplo, as pinturas *Martírio de Tiradentes*, de Aurélio de Figueiredo, que simboliza quase uma cena ao pé-de-cruz. Na obra de Pedro Américo, *Tiradentes esquartejado*, a alusão a Cristo é inescapável.

A República e a historiografia da primeira metade do século XX criaram o Tiradentes ideal. A historiografia atual viu-se com a missão de desmitificar o mito. Mas apesar das revisões, das novas interpretações sobre Tiradentes e os demais protagonistas com relação a seus objetivos na trama e sua situação social, não se pode menosprezar a coragem com que estes homens, num momento em que a Coroa Portuguesa pouco poupava traidores, pensaram em transformações para uma região que se via sob as rédeas de uma nação europeia e que alguns pesquisadores acreditam ter influenciado, no futuro, o movimento pela Independência. Não há dúvidas de que os republicanos encontraram em Tiradentes e na Inconfidência Mineira os personagens ideais para forjar a imagem negativa dos herdeiros no Brasil e da “cruel” Dona Maria I, responsável pela condenação à força daquele que conclamava pela libertação de Minas Gerais, Rio de Janeiro e, possivelmente, São Paulo, mas que os republicanos preferiram defender que pretendia a libertação de todo o Brasil.

Tiradentes não foi o líder da Inconfidência Mineira, não era pobre e provavelmente não teve a aparência semelhante a de Jesus Cristo, porque todo esse imaginário foi forjado pelos Republicanos num contexto que assim os convinha. Mas não podemos negar que não há ato mais heroico do que doar a própria vida em favor de amigos e perseguir os ideais de uma nação melhor para se viver, tal como o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o nosso Tiradentes, assim o fez. São esses pontos que nos levam a inspirar em Tiradentes, tenha sido ele rico, pobre, líder ou não.

RAFAEL DA SILVA ALVES

MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA PELA UFMG. AUTOR DA OBRA: “LENDO O MUSEU DA INCONFIDÊNCIA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO”

Caso especial de paisagem cultural

O Museu da Inconfidência é exemplo de instituição que só chegou a alcançar sua verdadeira identidade quando se inseriu plenamente na paisagem cultural de Ouro Preto. No momento da implantação, a escassez de objetos relacionados com o movimento político permitiu apenas que se organizasse uma sala na antiga Casa de Câmara e Cadeia para complemento do Panteão dos Inconfidentes, ali inaugurado dois anos antes, à chegada dos restos mortais dos conspiradores falecidos no degredo da África. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, recebendo a incumbência de montar uma exposição que prosseguisse ocupando o espaço restante, quatorze salões na sua maioria monumentais, viu-se obrigado a optar por uma solução que na eventualidade lhe pareceu a mais lógica. Resolveu apresentar, de maneira sumária e superficial, aspectos da evolução histórica do Estado de Minas Gerais. Seria forçar demais admitir que houvesse dado origem a um museu sobre a conspiração de 1789.

Essa ampliação de uma base social que não existia no momento em que aconteceu a conspiração contribuiu para tornar mais difícil a explicação da sua origem. Não houve sequer o cuidado de relacioná-la com a atividade mineradora. Como essa questão ficou sem ser considerada, quer dizer, não se introduziu na mostra nada que se referisse à dinâmica da economia do período, não se chegou sequer a explicar as razões que levaram – a condenação à força, a degredo e morte –, tantas personalidades de relevo cujos restos mortais haviam sido repatriados por Getúlio Vargas. Logicamente, na mesma indeterminação permaneceriam os objetos dispostos na sala denominada Relíquias da Inconfidência.

Para se entender em profundidade a questão, é fundamental que se considere o que viemos apontando. No século XVIII, a paisagem cultural de Minas Gerais hoje contemplada, simplesmente não existia. O estado, na sua amplitude, não passava de tosco projeto a dar seus primeiros passos. Era a região da inexistência, da selvageria e do ignorado, vilas distanciadas pela falta de estrada, pela solidão de grupos de pessoas que só podiam se intercomunicar com a ajuda de andarilhos e mascates. O que vinha a ser em nossos dias, somente num único ponto estava sendo construído. Na capital, formada em consequência da exploração das minas. Ouro Preto é que, enquanto iam sendo forjadas as características próprias de uma população reconhecida pelo Brasil inteiro como peculiar, dava início ao culto da liberdade, hoje exibido como seu bem maior.

A evolução alcançada e o consequente posicionamento em face dos desafios que a colônia precisava enfrentar foram se impondo de maneira sociologicamente explicável. O centro de gravidade do país, desde fins do século XVI, achava-se estabelecido na região nordestina, em torno da exploração do pau-brasil e depois da

cana, principalmente em Pernambuco. Grandes latifúndios ali floresceram, na fase da exportação do açúcar que abastecia o mundo. A massa de trabalhadores de todo tipo se encontrava quase na sua totalidade engajada naquele eixo de produção econômica. Nem de longe por lá passava a idéia de pretender uma situação de independência para a colônia. Tudo corria favoravelmente e a lei portuguesa é que assegurava a propriedade da terra. No momento em que se impôs de maneira prevalente a produção do ouro, fazendo deslocar para Minas Gerais a força econômica de maior expressividade, a ponto de produzir um êxodo generalizado da população nacional, que acabou comprometendo mesmo a hegemonia nordestina, nova realidade se instalaria.

A mineração trouxe consigo a necessidade do desenvolvimento urbano. Ouro Preto, segundo consenso dos historiadores, foi o primeiro núcleo dessa natureza efetivamente constituído no Brasil. Até ali as vilas eram meros centros de abastecimento e passagem. Mesmo a capital, Salvador, não deixava de ter sua fragilidade. Ela não passava de um aglomerado criado pelos fazendeiros, que nela apareciam onde de mês em mês ou de dois em dois meses para visitar as mulheres, exiladas a cuidar da educação dos filhos. No centro de Minas Gerais, de outra natureza passou a ser o ajuntamento formado. Ele reunia, em condições estáveis, trabalhadores independentes, artífices, profissionais liberais, funcionários burocráticos, militares, religiosos, pequenos proprietários, pequenos agricultores. Essa gente possuía pensamento próprio e vivia num momento especial da humanidade, em que idéias surgidas na Inglaterra e difundidas pelos enciclopedistas franceses circulavam por todo lado e haviam inclusive produzido a independência dos Estados da América do Norte. Um espírito de insurreição e rebeldia se espalhava até entre as pessoas mais responsáveis. Burlando a férrea vigilância metropolitana, que proibia a entrada na colônia de qualquer tipo de material impresso, grandes bibliotecas clandestinas em Vila Rica se formaram.

Ao alcançar a metade do século XVIII, a produção das minas começou a diminuir e a quota de cem toneladas de ouro anuais, que cabia à metrópole, não pôde mais ser mantida. O governo português não acreditava nas alegações de crise da produção aurífera e julgava que estava sendo roubado. Começou a impor, nas áreas de comércio e trabalho, fiscalização cada vez mais polícial. Chegou a planejar a decretação de uma derrama, expediente que estabeleceria a cobrança compulsória do valor de cem toneladas de ouro. Caso não houvesse metal suficiente, a quantia exigida seria completada com desapropriações judiciais que atingiriam a população como um todo, comprometendo até quem não tivesse qualquer vínculo com a atividade das minas. Mais alarmante se tornou essa notícia quando circulou, a cobrança se estenderia mesmo para o passado,

envolveria a reparação da dívida acumulada nos vários anos em que os pagamentos haviam começado a ser feitos a menor. Figurantes da elite local mais bem informada, reagindo à situação, entraram a conspirar pela libertação da colônia.

Essa é que foi a Inconfidência Mineira e essa era a verdade histórica que o Museu estava na obrigação de apresentar. Algo que aconteceu e só poderia de fato ter acontecido em Ouro Preto. Mais tarde, o estado na sua totalidade muito justamente incorporaria a tentativa de rebelião como acontecimento fundamental de sua história. Isso se deu, porém, a partir do momento em que a paisagem cultural, gerada e consolidada na região das minas, acabou se estendendo para cobrir o todo. O fato incontestável é que, para o entendimento da conspiração, temos que nos ater especificamente ao estudo de Vila Rica.

A Casa de Câmara e Cadeia passou a abrigar o verdadeiro Museu da Inconfidência quando reestruturou sua exposição de longa duração, passando a apresentar conjuração política de 1789 como decorrência da maneira pela qual se deu a formação e a evolução de Ouro Preto. No andar térreo, é mostrada a infraestrutura da evolução econômica, social e política da cidade, que começa com a ocupação do território, terminando com o império, no país independente. No piso superior, somos colocados diante da superestrutura. Nela se pode tomar conhecimento da afirmação da religiosidade cristã e dos equipamentos internos de seus templos. Do mobiliário de época da população. Da manifestação artística em geral. Dos usos e costumes no ambiente doméstico.

Essa transformação ocorrida na casa teve como consequência natural o desenvolvimento de um sistema educativo próprio, sob a inspiração da doutrina de Paulo Freire, voltado para o entendimento do quadro cultural da cidade e a busca da formação do cidadão nele inserido. O Museu Escola desenvolvido por Elizabeth Salgado aprimorou um modelo de educação patrimonial que se difundiu pela cidade, pelo estado e pelo país, quando o Programa Nacional de Museus contou com Stela Fonseca, grande educadora com doutoramento realizado na Inglaterra, que viera de uma experiência no Mobral e planejou uma política de cursos que procuramos implantar nacionalmente. Quando muitos museus adotavam no Brasil o sistema europeu de ensino patrimonial – que consistia apenas em chamar atenção para a excepcionalidade do patrimônio produzido pelas elites cultas dos vários países –, nós no Inconfidência, e depois nacionalmente, buscávamos era instrumentar a criança com o conhecimento das tradições do seu povo, para que ela pudesse crescer com a compreensão da sua origem e os valores que a definiam.

RUI MOURÃO



BALANÇA PARA PESAGEM DO OURO

No ato da proclamação da República, o poderoso visconde de Ouro Preto¹ foi destituído da presidência do Conselho de Ministros do Império e, um dia depois, seu amigo general Couto de Magalhães² entregou, de maneira pacífica, o comando do governo da província de São Paulo à junta provisória composta por Prudente de Morais, Rangel Pestana e o tenente-coronel Joaquim de Souza Murça. Encerrava-se assim a longa carreira política dos dois homens públicos que, prestigiados por D. Pedro II, desempenharam importantes funções durante a monarquia.

Orador impetuoso e argumentador sagaz, Ouro Preto³ foi senador por Minas Gerais, Ministro da Fazenda e da Marinha durante a Guerra do Paraguai, organizando a esquadra naval para os combates. Deixou numerosos trabalhos jurídicos, financeiros e históricos, alguns dos quais, reeditados, ainda podem ser encontrados, como são os casos de *Discursos*, publicado pela Câmara dos Deputados em 1978 e *A marinha de Otrora*, que teve uma segunda edição em 1981.

Monarquista convicto, irredutível, defendeu durante toda a vida a volta da monarquia como solução ideal para o equilíbrio da nação, classificando o advento da República como golpe militar. Ao retornar ao país depois de exílio em Portugal, passou a lecionar na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, graças a seus amplos conhecimentos jurídicos. Duas obras traçam o perfil dessa figura ilustre do Império: *O visconde de Ouro Preto – Excertos Biográficos*⁴, escrito pelo filho Afonso Celso e *Ouro Preto: o Homem e a Época*⁵, de Hermes Vieira.

Desdobram-se em múltiplas direções os caminhos percorridos por Couto de Magalhães. Ampla polivalência presidiu o conjunto de sua atuação, que conciliou interesses empresariais e especulações financeiras, dilematismos de sertanista, atividades de literato, historiador, militar, antro-

motora da Imigração, ligada a setores da cafeicultura; a de exportador de couros; a de sócio de diversas indústrias; a de acionista-diretor do Banco de São Paulo. Em sua casa, no Bairro de Ponte Pequena, às margens do rio Tietê, construiu observatório astronômico, que seria mais tarde doado à Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Investiu ainda no ramo imobiliário, adquirindo, em 1896, uma gleba de 120 alqueires, nela instalando a Chácara do Itahi (pedra pequena, em tupi). Através de sucessivos loteamentos, promovidos pelos proprietários posteriores, parte da área deu origem ao nobre bairro paulistano de Itaim Bibi. A expressão “Bibi” foi tirada do apelido pelo qual era conhecido o médico Leopoldo Couto de Magalhães, irmão do general, que adquiriu o imóvel a um herdeiro deste, em 1907.

Encontrados por acaso, os manuscritos do *Diário Íntimo* de Couto de Magalhães foram publicados em 1998, precedidos de criterioso estudo feito pela professora Maria Helena P.T. Machado. Abrange o período de 1880 a 1887 e se compõe de uma miscelânea de apontamentos, como agenda de compromissos, relação de endereços e anotações diversas sobre assuntos do cotidiano. De permeio, há uma parte eminentemente intimista reveladora de contraste entre a figura serena e garbosa do general, sempre retratado em trajes militares, e o homem apreensivo assaltado por temores e preocupado com a saúde e a integridade física. A autoprescrição de remédios e a obediência a regimes alimentares rigorosos confirmam a exacerbada hipocondria do autor, em constante vigilância para a preservação dos órgãos vitais. Os registros evidenciam ainda as leituras do estudioso interessado nos clássicos gregos e latinos, assim como nos textos médicos, entre eles a obra de Hipócrates, inclusive o *Tratado dos Sonhos*, que muito o influenciaram nas reflexões e fantasias.

Reveste-se de grande importância o segmento do diário que se refere à experiência onírica. Nessa atividade, Couto de Magalhães preo-

cupa-se em analisar e registrar seus sonhos, intuindo pela existência de região da mente situada além dos limites da consciência. Os aspectos da sexualidade e do homossexualismo incidentes são registrados na língua tupi, com algumas palavras empregadas no sentido figurado, ou em código secreto indecifrável, visando ao resguardo perante a moral e o espírito religioso da época.

Meses após o falecimento do amigo, o visconde de Ouro Preto homenageou-o com o vibrante artigo *José Vieira Couto de Magalhães – subsídios para uma biografia*, estampado na Revista do Arquivo Público Mineiro – Ano III⁶. Movido pela admiração cultivada em longa amizade, descreve, emocionado, as qualidades observadas no “administrador, viajante, explorador, industrial, militar, escritor, sábio, patriota, homem de coração”. Revela aspectos curiosos da personalidade singular do rico filho das elites e poliglota que se comprazia em “cismar, embalando-se numa rede, enquanto camaradas tocavam viola e entoavam cantigas sertanejas”, e que também “era tocador de viola e violão, e cantador de lundus e modinhas”.

A vida dinâmica de Couto Magalhães, repleta de feitos invulgares, e os traços de sua excentricidade despertaram a atenção de estudiosos em biografias que se completam, sem entretanto esgotarem as fontes para novas pesquisas. Ao estudo elaborado pelo visconde de Ouro Preto, outros se seguiram, atingindo o século passado e o atual: *O Brigadeiro Couto de Magalhães*⁹, de Aureliano Leite; *Couto de Magalhães: a vida de um homem*¹⁰, de Miguel Jorge; *Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães 1880-1887*¹¹, de Márcio Couto Henrique; *Couto de Magalhães – o último desbravador do Império*¹², de Hélio Moreira.

O cavalheiro culto, mas que “sentia-se melhor no rancho do tropeiro que no palácio dos potentados”, faleceu no Rio de Janeiro e foi sepultado em São Paulo. Guarnece seu túmulo, no cemitério da Consolação, escultura idealizada pela artista plástica Nicolina Vaz de Assis Pinto Couto, inspirada no livro *O Selvagem*, símbolo de uma luta em defesa da comunidade indígena.

RUI RIBEIRO

Notas: 1 - 1836-1912 • 2 - 1837-1898 • 3 - Afonso Celso de Assis Figueiredo • 4 - 1935
5 - 1949 • 6 - 1863 • 7 - 1876 • 8 - 1898 • 9 - 1936 • 10 - 1970 • 11 - 2009 12 - 2005

Duas figuras do Império

pologista e outros ramos do conhecimento. O dicionarista Sacramento Blake o descreve como “alma grande, generosa, aberta sempre à caridade, por haver em 1893, sem mistério algum, praticado o ato meritório e humanitário de dispor de uma parte de sua grande fortuna com a fundação de hospitais de sangue no sul do Brasil, foi preso por ordem do Marechal Floriano (Peixoto)”. Além da província de São Paulo, administrou também as de Goiás, Pará e Mato Grosso, em cuja gestão comandou as tropas que reconquistaram, na Tomada de Corumbá, o território invadido pelos paraguaios. Face ao desempenho brilhante nos campos de batalha, recebeu patente militar honorífica, que ostentou orgulhosamente pelo resto da vida. Foi também aventureiro corajoso, percorrendo os sertões do platô central, sempre interessado no estudo das populações selvagens.

No livro *Viagem ao Rio Araguaia*⁶, descreve de maneira pitoresca as características daquela região inóspita. A imprensa o chamou de louco e visionário no empreendimento com que, em seguida, pretendeu estabelecer navegação a vapor naquele rio acidentado por saltos e cachoeiras. Dentre os livros que publicou, o mais relevante é *O Selvagem*⁷. Encomendado por D. Pedro II com o objetivo de figurar na Biblioteca Americana da Exposição Universal do Centenário da Independência dos Estados Unidos, a obra contém descrições minudentes dos aspectos da vida do índio brasileiro, suas crenças, costumes e lendas além de teorias do autor para a integração do gentio na sociedade brasileira e sua utilização como “elemento de adaptação do branco nos climas intertropicais”. Na verdade, parece se tratar do reaproveitamento do Ensaio Antropológico, que publicara em 1874, acrescido de Curso de Gramática Tupi, idioma que o autor dominava, e amoldado aos propósitos do imperador em valorizar o índio como o “mais fiel representante da nacionalidade brasileira”. Aliás, pelo desempenho demonstrado nas pesquisas folclóricas, o autor é considerado o precursor do gênero no país.

No campo dos negócios, Couto de Magalhães obteve concessão para construir a estrada de ferro sul-mineira, ligando as cidades de Cruzeiro, SP, a Três Corações, MG, em associação com empresários e banqueiros ingleses. Centraram-se na capital paulista outras iniciativas variadas do irrequieto empreendedor, como a de sócio-fundador da Sociedade Pro-

Toda vez que entro de férias, visito o Museu da Inconfidência. O acervo tem disposição inteligente. Eu, que aprecio arte barroca, tenho a oportunidade de admirar as peças de várias formas, verificando também o entalhe e a policromia na parte posterior. A sala do Alejandinho é fantástica e permite observar as peças de todos os ângulos. Fico muito tempo estático admirando. Não há necessidade de documentação comprobatória, as imagens do Alejandinho se comunicam com o observador de forma muito intensa. Por iniciativa e esforço, foi possível reunir peças de enorme qualidade, que só poderiam ter saído das mãos do Alejandinho. As imagens do Mestre de Piranga também são maravilhosas, com grande poder de comunicação. Outro aspecto a se destacar são os servidores, muito educados. O Museu tem uma Direção Competente, que serve de exemplo ao nosso país, porque o museu funciona muito bem.

DOUGLAS IBARROLA | VIA E-MAIL

Que bela obra a liteira restaurada. Parabéns a todos.

VANIA MARIA MELO DE OLIVEIRA LIMA | VIA E-MAIL

Parabéns pelo restauro da liteira, peça histórica. A nossa memória colonial fica preservada para a posteridade.

CARLOS AFONSO BENEVENUTE MENDES | VIA E-MAIL

Parabéns pela exposição da Guerra da Tríplice Aliança. Infelizmente nós, brasileiros, conhecemos muito pouco sobre a guerra, tratada como assunto sigiloso. Causou-me estranheza o documento assinado pelo Conde D'eu, o genocida paraguaio e comandante que virou as costas para os voluntários da Pátria, deixando-os na miséria e na sarjeta, enquanto a elite do exército imperial brasileiro se esbaldava com as riquezas roubadas do Paraguai. Os brasileiros precisam conhecer o caráter dos personagens deste lastimável episódio.

ANTÔNIO ALBUQUERQUE | VIA E-MAIL

Saudando esse correto e belo Museu, pelo seu aniversário, cumprimento os responsáveis por essa publicação pelo magnífico editorial.

NEUSA FERNANDES | VIA E-MAIL

O Museu retrata a história que não aprendemos na escola. A gente sai sentindo como se tivesse vivido a escravidão e a liberdade.

SABRINA S. | VIA TRIP ADVISOR

O Museu tem fragmentos muito interessantes da história. Muito chocante ver de perto a história da Inconfidência Mineira.

JÉSSICA M. | DE SANTARÉM, PA, VIA TRIP ADVISOR

Museu muito rico! Para quem gosta de história, vale a pena visitar. Ótimo lugar para levar toda a família.

PAULA MURTA | DE BELO HORIZONTE, MG, VIA TRIP ADVISOR

Como sempre, as viagens a Ouro Preto são fantásticas! O Museu é muito interessante para os apaixonados por história.

AMANDA W. | DE BELO HORIZONTE, MG, VIA TRIP ADVISOR

O Museu possui uma narrativa muito bem elaborada que nos proporciona uma experiência de imersão na história.

LUIZ GUSTAVO F. | VIA TRIP ADVISOR

Muito lindo, tudo muito organizado e limpo, de fácil entendimento. Muita emoção ver a força de Tiradentes.

HELOÍSA V. | DE FORTALEZA, CE, VIA TRIP ADVISOR

Museu bem cuidado, autoexplicativo. Aprendemos bastante.

TEREZA ROBERTA | DE PETROLINA, PE, VIA TRIP ADVISOR

O Museu da Inconfidência é o melhor programa em Ouro Preto! Para quem gosta de história, é imperdível. Visitá-lo é voltar no passado, viver um pouco daquela época em que éramos mera colônia. É muito bem organizado.

PAULO SERPA FILHO | DE VITÓRIA, ES, VIA TRIP ADVISOR

O Museu permite conhecer o cotidiano do século XVIII. É possível contemplar a bela edificação do museu e render homenagens aos inconfidentes, homens que merecem nossa gratidão por lutar por um dos bens mais valiosos que podemos aspirar: a liberdade!

EDSON SOUZA | DE RIO DAS OSTRAS, RJ, VIA TRIP ADVISOR

Ótima experiência para os amantes da história. Podemos conhecer um pouco mais sobre o ciclo do ouro e apreciar grandes obras de Manuel da Costa Ataíde e Alejandinho.

TAYLLA MENDES | DE ITABIRITO, MG, VIA TRIP ADVISOR

Não deixa nada a desejar para os museus da Europa. Lindo e super organizado. Tem obras lindas. É digno da visita de estrangeiros. Parabéns a todos.

VANIA C. | DE BELO HORIZONTE, MG, VIA TRIP ADVISOR

Mais que uma parte da história viva e eternizada em objetos, o acervo traça um período decisivo da nossa história democrática e nos oferece uma atração fenomenal.

DIOGO M. | VIA TRIP ADVISOR

Um dos melhores museus que conheci. Bem completo, é uma volta no tempo.

J. C. DUARTES | DE SÃO PAULO, SP, VIA TRIP ADVISOR

Fui pela primeira vez ao Museu em 1993, e me emocionei bastante ao ver as lápides com os inconfidentes. Foi um momento emblemático. Depois voltei mais duas vezes. É o local que mais me emocionou no Brasil.

H. CLAUDIO | DE RECIFE, PE, VIA TRIP ADVISOR

Não gosto muito de visitar museus, mas este foi espetacular. Todos os itens são muito bem cuidados e organizados.

GRAZIELE M. | VIA TRIP ADVISOR

Visitar este museu nos dá orgulho de ser de Minas! São 17 salas dedicadas à época da Inconfidência Mineira. Tudo muito lindo e organizado.

SÍLVIA R. | DE BELO HORIZONTE, MG, VIA TRIP ADVISOR

Não há livro que dê a vivência deste Museu. Incrível. Ajuda a compreender o Brasil de hoje.

ALEXANDRA C. | DO RIO DE JANEIRO, RJ, VIA TRIP ADVISOR

O prédio é muito bonito, o acervo exposto é amplo e bem conservado e a planta do museu é muito favorável a uma sequência cronológica da exposição.

CRIS CHIANG | DE SÃO PAULO, SP, VIA TRIP ADVISOR

Uma grata surpresa e passeio obrigatório em Ouro Preto. Raras peças do mobiliário colonial, arte sacra, utensílios. Um grande passeio. Digno de nota o atendimento a pessoas idosas ou deficientes.

EUGÊNIA | DE PERUÍBE, SP, VIA TRIP ADVISOR

Fiquei muito impressionada. Museu de primeiro mundo. Os seguranças das salas também dão explicações interessantíssimas sobre o acervo. Excelente acervo. Lindo prédio. Tudo muito bem catalogado e explicado. Vale a visita.

M. CAPIOTI | DE SÃO PAULO, SP, VIA TRIP ADVISOR

Liteira

A liteira da primeira metade do século XIX que pertenceu ao Barão do Amparo voltou para a exposição de longa duração do Museu da Inconfidência no final de abril. A peça esteve em processo de restauração desde setembro de 2015 e foi tratada pelos restauradores Aldo Araújo e Eva Pereyra. Trata-se de uma espécie de carruagem servida de longos varais, na frente e atrás, para ser conduzida por dois cavalos ou mulas, transportando um ou dois passageiros com bagagem. Foi um dos primeiros veículos terrestres do Brasil, sem o uso de rodas, utilizado para pequenas viagens e no transporte urbano.

Tocha Olímpica

A Tocha Olímpica Rio 2016 passou por Ouro Preto no dia 13 de maio e permaneceu durante 15 minutos no patamar da escadaria do Museu da Inconfidência. O evento foi marcado por diversas atrações culturais e esportivas. O início do revezamento aconteceu na Rua Padre Rolim, em frente ao Posto Colonial. Em seguida o cortejo seguiu pelas ruas da cidade, passando pela Rua São José, Largo do Rosário, Pilar, Praça da Estação e Antônio Dias. De Ouro Preto, a tocha simbólica rumou para Itabirito.

Bracher

O filme *Ouro Preto - Olhar Poético*, baseado no livro homônimo de Carlos Bracher, foi lançado no auditório do Museu em abril. Com direção e roteiro da jornalista Blima Bracher, filha do artista, é uma realização de Sirius Cultura. Com o apoio da Lei de Incentivo à Cultura, teve patrocínios da Vale e Alupar Taesa. O roteiro é um passeio pelas belezas e mistérios de Ouro Preto, sob a ótica poética de Bracher.

Semana de Museus

O Inconfidência preparou vasta programação para a 14ª Semana de Museus, promovida de 16 a 22 de maio sob o tema *Museus e paisagens culturais*. As atividades começaram com a abertura da mostra *Brasil - Patrimônio Cultural da Humanidade* na Estação Central do Metrô – CBTU, em Belo Horizonte. Oficinas, palestra, mediação cultural, exposições na tenda montada na Praça Tiradentes e visita técnica ao Complexo Cultural e ao Museu de Congonhas do Campo marcaram o evento.

Intercâmbio

A museóloga Janine Ojeda, do Museu da Inconfidência, passou duas semanas no Museu Nacional da Dinamarca, entre outras organizações da mesma natureza naquele país, cumprindo programa de intercâmbio do Instituto Brasileiro de Museus com a Agência Dinamarquesa de Cultura. Além de conhecer a infraestrutura, o acervo e a equipe da instituição, Janine apresentou o projeto *Os Bastidores dos Museus: A Produção de Conhecimento e o Planejamento de Exposições*, com referências à cidade de Ouro Preto, ao Museu da Inconfidência e ao Instituto Brasileiro de Museus.

Livro

O romance *Mergulho na região do espanto* (Editora UFMG), do escritor e diretor do Museu, Rui Mourão, foi lançado em março na loja do Museu. A obra completa uma trilogia sobre Ouro Preto, que veio se desenvolvendo com *Boca de Chafariz* e *Quando os demônios descem o morro*. O enfoque é o ouro, elemento formador de Vila Rica e Minas Gerais.

Museu no imaginário social

O livro *História, turismo e patrimônio cultural - o poder simbólico do Museu da Inconfidência no imaginário social*, do professor doutor Leandro Benediti Brusadin, foi lançado em dezembro no auditório. A obra, publicada pela Editora Prismas, traça um paralelo entre a dinâmica do patrimônio cultural e sua interface com o imaginário social, relacionado aos processos de memória e identidade. Em uma reconstrução histórica do Museu, que realiza diversas ações participativas com a comunidade e os turistas, o autor apresenta as formas de legitimidade que o próprio público lhe confere, no que diz respeito a história, turismo e patrimônio cultural.

Atividades educativas

Estão abertas as inscrições gratuitas para os projetos *Meu museu imaginário* e *Quem canta um conto*, oferecidos pelo Setor Educativo do Museu da Inconfidência aos grupos escolares. As oficinas,

direcionadas ao público de 7 a 12 anos, têm como objetivo aproximar as crianças do universo dos museus e da tradição do congado através da literatura infantil e das artes em geral. As atividades serão realizadas de segunda a sexta, nos horários de 10 às 12 e 14 às 18h.

Visitas Mediadas

O Setor Educativo do Museu da Inconfidência também oferece visitas mediadas para todas as idades. Os grupos formados por crianças de 8 a 12 anos que participam da visita ganham o livro *Vamos conhecer o Museu da Inconfidência?*, que possibilita uma experiência interativa e lúdica durante o percurso. Inscrições e maiores informações podem ser solicitadas pelo e-mail educativodomuseu@gmail.com ou pelo telefone (31) 3551-1378. Visitas também podem ser agendadas pelo e-mail visitasmuseu@gmail.com.

Paraguai

No ano passado, o Museu da Inconfidência firmou acordo de cooperação cultural com o Centro Cultural da República *El Cabildo*, do Paraguai. Na ocasião, foram negociadas diversas atividades conjuntas, objetivando a troca de experiência, bem como atividades alusivas à Guerra do Paraguai. Em dezembro de 2015, foi promovida a exposição *150 anos da Guerra da Tríplice Aliança: distintas visões*. Parte da equipe do Inconfidência foi ao país vizinho para visita técnica e se fez presente na abertura da primeira Bienal de Arte e Cultura de Assunção, onde o diretor do Inconfidência, Rui Mourão, ministrou palestra sobre a criação e modernização do Museu. O próximo passo do projeto se dará em julho deste ano, com a apresentação do layout da medalha *Las Residentas*, relativa à participação ativa da mulher paraguaia durante a Guerra da Tríplice Aliança e seu importante papel na reconstrução da nação. Equipe da divisão técnica estará de volta ao país para realização de oficinas de formação de multiplicadores, abordando temas como curadoria, sustentabilidade, conservação e restauração.